



# Reagir e não reagir: filosofia e psicologia no *Crepúsculo dos ídolos*<sup>1</sup>

*Reaction and non-reaction: philosophy and psychology in the Twilight of the Idols*

*Reagire e di non reagire: filosofia e psicologia nel Crepuscolo degli idoli*

**Marco Brusotti<sup>2</sup>**

Doutor em Filosofia, professor da Università di Lecce - Itália, e-mail: brusotti@hotmail.com

---

## Resumo

O artigo analisa como o conceito de *atividade* se apresenta nas obras de Nietzsche e como as noções de *agir* e *reagir* se apresentam no *Crepúsculo dos ídolos*, articulando filosofia e psicologia. Trata-se de analisar por que

---

<sup>1</sup> Tradução: Vilmar Debona, professor de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo (USP).

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia, professor da Università de Lecce (Itália).

Nietzsche não fala mais de ‘atividade’ e por que não usa mais a contra-  
posição ‘ativo-reativo’ depois da *Genealogia da moral*.

**Palavras-chave:** Ativo. Reativo. Fisiologia. Psicologia.

## ***Abstract***

*This article examines how the concept of activity is presented in the works of Nietzsche and how the notions of acting and reacting are dealt with in the Twilight of the idols, linking philosophy and psychology. The aim is to analyse why Nietzsche no longer talks about ‘activity’ and why he does not use the opposition ‘active-reactive’ anymore after On the genealogy of morality.*

**Keywords:** Active. Reactive. Physiology. Psychology.

## ***Riassunto***

*Il saggio esamina come il concetto di attività appare nelle opere di Nietzsche e anche come le nozioni di agire e reagire sono presenti nel Crepuscolo degli idoli, articolando così filosofia e psicologia. Si tratta di analizzare perché Nietzsche non parla più di ‘attività’ e perché non usa più il contrasto ‘attivo-reativo’ dopo la Genealogia della morale.*

**Parole-chiave:** Attivo. Reattivo. Fisiologia. Psicologia.

---

## **Introdução**

A *Genealogia da moral* sustenta que em toda fisiologia e biologia contemporâneas (*Physiologie und Lehre vom Leben*) dificilmente se encontra “um conceito fundamental, aquele da verdadeira *atividade* (*eigentlichen Aktivität*)”. Ao contrário, reside aí, em primeiro plano, “uma atividade de segunda classe, uma simples reatividade” (*eine aktivität zweiten Ranges, eine blosse Reaktivität*) (GM II 12). Dessa forma, a verdadeira e propriamente dita

atividade parece ter sido praticamente removida das ciências da vida e constitui um ‘ponto cego’ da fisiologia, que descreve tudo mecanicamente em termos de reações elementares. Contra essa tendência dominante – Nietzsche a reconduz ao ‘moderno misarchismo’ – a *Genealogia* parece propor-se a reintroduzir tal conceito fundamental também na fisiologia.

## Nietzsche e o conceito de atividade

Poderíamos esperar, por isso, que as obras de 1888 também presseguissem nessa tentativa, desenvolvendo ulteriormente aquele conceito fundamental. Essa expectativa é inteiramente legítima na medida em que essas obras – ainda mais a *Genealogia*, que constitui uma viragem decisiva nesse sentido – insistem de todas as formas sobre a fisiologia, sobre uma fisiologia da *décadence*, da degeneração, mas também, por exemplo, sobre o dionisiaco. No entanto, a convicção de que Nietzsche, após a *Genealogia*, desenvolve o conceito fundamental de atividade não procede. Ou seja, o conceito que na *Genealogia* deve integrar a fisiologia, subtraindo-a ao domínio dos ‘homens reativos’, não é mais recorrente nas obras posteriores – desaparece. No *Crepúsculo dos ídolos*, a contraposição entre vida *aufsteigend* e *niedersteigend* apresenta-se, agora, conceitualizada de forma diferente. Aqui, a fisiologia contemporânea, a tomar como exemplo a psicomecânica de Féré com seus instrumentos de mensuração (ou medição) – e em primeiro lugar o dinamômetro – parece estar em condições de detectar (ou mesmo de quantificar) e compreender diferenças essenciais: entre excesso e escassez de força, entre revigoramento e esgotamento (degenerescência e *décadence*), entre seus respectivos *Gefühle* (sentimentos/sensações), mas também as diferenças entre reagir e não reagir diante de toda economia de forças (nervosas). Tudo isso converge na fisiologia contemporânea e é compatível com ela, ao contrário do conceito de atividade (no sentido da *Genealogia*). Não é assim que, segundo o *Crepúsculo dos ídolos*, a fisiologia acolhe o conceito de ‘atividade’: ao contrário, esta parece estar aí egrejiamente em condições adversas.

Por que Nietzsche não fala mais de ‘atividade’? Por que não usa mais a contraposição ‘ativo-reactivo’? Este artigo procurará responder a essas questões. Como sabemos, Gilles Deleuze assinalou a centralidade da dupla ‘ativo-reactivo’ na *Genealogia da moral* (DELEUZE, 2003). Trata-se

de um importante mérito de sua interpretação. Quanto a isso, em outras ocasiões aponte erros e imprecisões. Aqui, porém, não é este o meu tema. O ponto que gostaria de sublinhar diz respeito ao fato de que o pensamento de Nietzsche está, do início ao fim, em movimento: Deleuze atribui a todo o Nietzsche maduro uma constelação de conceitos, que são características, em verdade, de um só escrito, a saber, da *Genealogia da moral*. A contraposição entre ‘atividade’ e ‘reatividade’ ocupa efetivamente um lugar central na *Genealogia*. No entanto, como já dissemos, nas obras sucessivas os termos ‘ativo’ e ‘atividade’ não aparecem mais. Poder-se-ia afirmar que desapareceu apenas o termo, enquanto que o conceito permaneceu – mesmo central? A pergunta a que procurarei responder é, portanto: onde a atividade teria findado?

[Abro aqui um breve adendo a respeito de uma peculiaridade que se perde no italiano: *agire*, como se sabe, em alemão se diz *handeln*. Semelhante a esse termo, Nietzsche introduziu, na *Genealogia*, o latino *agieren* (este último, em alemão, um verbo bastante singular, e nos tempos de Nietzsche puramente técnico). Assim, na *Genealogia*, além de *Handlung*, *Handeln*, *der Handelnde* (ou ação, agir, agente) temos os latinismos *Aktion/Aktivität/aktiv/agieren*. Ora, *Aktivität*, *aktiv*, no *Crepúsculo*, não aparecem nenhuma vez. Nas edições italianas ocorrem, sim, *azione* e (raramente) *agire*, mas como traduções respectivamente de *Handlung*, *handeln* (não de *agieren*). Não estou convencido, no entanto, de que também quem lê Nietzsche apenas na língua original tenha notado esse desaparecimento inteiramente do campo semântico *Aktion/Aktivität/aktiv/agieren*].

Onde se encerrou, então, a *atividade* nas obras sucessivas à *Genealogia da moral*? Poder-se-ia tentar explicar de uma forma muito simples o fato de que os termos *aktiv-Aktivität-agieren* não são mais usados; ou então sustentando que em tais obras Nietzsche fala de uma outra forma, ocupa-se de outros termos, etc. Duvido que isto esteja correto mesmo a propósito do *Caso Wagner*. No entanto, no *Crepúsculo dos ídolos*, conforme veremos, as coisas não se dão dessa forma. Ao menos uma vez o termo ‘reação’ aparece num contexto relevante (ao contrário do termo ‘reativo’); já o termo ‘reagir’ figura mais vezes, frequentemente com uma negação ou, caracteristicamente, com uma dupla negação.

Tem-se, assim, uma outra explicação do porquê Nietzsche relega ou ao menos prescinde de termos como *aktiv-Aktivität-agieren*. E aqui chegamos ao tema indicado no título desta conferência. Trata-se do aprofundado

confronto com a fisiologia, confronto que continua posteriormente à *Genealogia da moral*, e que conduz Nietzsche a uma revisão de alguns pontos da teoria do ‘escrito polêmico’. Nesse contexto, deve-se ler o desaparecimento do termo atividade e a persistência do termo ‘reagir’. Assim, é dialogando com as ciências contemporâneas que Nietzsche revê alguns dos resultados anteriormente alcançados. Em particular, Nietzsche assimilaria somente depois da *Genealogia* a ideia do psiquiatra francês Charles Féré, segundo o qual a reação imediata, não inibida, diante da excitação, não apenas tem consequências negativas, mas constitui em si mesma um fenômeno patológico. Nietzsche não poderia não considerar esse posicionamento e isso o forçou a mudar de rumo em relação à *Genealogia*: alguns dos comportamentos que a *Genealogia* considerava não apenas ‘sãos’, mas até mesmo ‘nobres’, resultam, agora, patológicos.

A importância das teorias de Féré para as obras que sucedem a *Genealogia* pode ser notada a partir dos estudos que Lampl e Wahrig-Schmidt dedicaram ao assunto nos anos 1980. Tratarei aqui, porém, de um aspecto até hoje negligenciado a respeito do confronto com o psiquiatra francês.

Féré escreve, a propósito dos “sujets affaiblis, les dégénérés, les névropathes”, que “chez eux, l’impression actuelle détermine une nécessité de réaction tellement urgente et intense que la représentation mentale des conséquences de l’acte se trouve complètement effacée” (FERÉ, 1900, p. 132). Segundo Féré, então, a extrema excitabilidade,<sup>3</sup> a necessidade da reação, contradistingue em particular os neuróticos. “Les réactions sont plus marquées chez les névropathes” (FERÉ, 1900, p. 55<sup>4</sup>). As suas paralisias consistem precisamente em “un épuisement consécutif aux réactions déterminées par une excitation trop forte ou trop prolongée” (FERÉ, 1900, p. 141).<sup>5</sup>

Segundo *Sensation et mouvement*, então “a excitação coloca em jogo uma atividade que se esgota” (“l’excitation met en jeu une activité qui s’épuise”, FERÉ, 1900, p. 142). Nietzsche traduz: “Die Erregung setzt eine Kraft in Spiel, die sich erschöpft” (KSA 13, 14[3]). Nietzsche segue Féré distinguindo “as fases imperceptíveis: a da excitação, e brevemente a do

<sup>3</sup> Sull’hyperexcitabilité psychique cfr. Féré, 1900, p. 123 e p. 124. O conceito central de *Erregung*, *Erregbarkeit* é central no *Crepúsculo*.

<sup>4</sup> Trata-se de um dos dois títulos do capítulo VIII.

<sup>5</sup> O esgotamento é, segundo Féré, “la cause générale et spéciale des maladies” (1900, p. 127).

esgotamento” (KSA 13, 14[3]).<sup>6</sup> Para sermos mais precisos: ao passarem despercebidas, não são naturalmente nem a excitação, nem o esgotamento (nervoso), mas sim, e mesmo porque é extremamente rápida, a transição da primeira à segunda fase: praticamente sem se perceber, passa-se da super excitação ao esgotamento. Na descrição de Féré “o primeiro efeito de todas estas excitações sensoriais será um exagero generalizado da motilidade” (“le premiere effet de toutes ces excitations sensorielles était une exagération généralisée de la motilité”), a qual, por sua vez, conduzirá a um esgotamento (“épuisement”) que poderá se prolongar até o sono hipnótico (“sommeil hypnotique”). Em outros termos, segundo Féré, “les excitations périphériques [...] déterminent d’abord une suractivité fonctionnelle” (FERÉ, 1900, p. 120), mas – e este é o ponto importante – “[s]i l’excitation est trop intense, ou est prolongée suffisamment, au lieu d’une suractivité fonctionnelle générale, on produit la fatigue et l’épuisement” (FERÉ, 1900, p. 120; cf. também FERÉ, 1900, p. 136).

A fisiologia de Féré é, por isso, profundamente impregnada por uma visão ‘econômica’: cada reação comporta um dispêndio de forças que reagem assim que se as usa, esbanjando as próprias forças defensivas, o que o conduz inevitavelmente ao esgotamento. Nesse último estágio, cresce a necessidade de estímulos (os quais produzem um sentido ilusório de vitalidade) e, com tais necessidades, a irritabilidade, ou mesmo a sensibilidade, consistem na incapacidade de resistir aos estímulos, a necessidade de reagir. Trata-se, dessa forma, de um círculo vicioso e dispendioso.

Que conclusão nos fornece o *Crepúsculo dos ídolos*? Se reagir representa, em primeiro lugar, um dispêndio de forças e, assim, conduz inevitavelmente ao esgotamento, o fato de se abster da reação adquire fundamental importância. Torna-se decisivo, por isso, ‘não reagir’. Ora, no fato de não reagir Nietzsche vê um sinal de força, a exemplo da “primeira preparação para a espiritualidade” (GD, *O que falta aos alemães*, 6): “Cada essência de espiritualidade, cada trivialidade tem sua base na incapacidade de opor resistência a um estímulo – *deve-se* reagir, saciar cada impulso” (GD, *O que falta aos alemães*, 6). A incapacidade de não reagir, na qual vem identificado o pressuposto da falta de espiritualidade, constitui, agora, a definição científica daquilo que na linguagem popular é a fraqueza de vontade: “a fraqueza da vontade, ou, para exprimirmo-nos com precisão, a incapacidade de *não* reagir

<sup>6</sup> „Die unbemerkbaren Phasen: die der Erregung, bald die der Erschöpfung“.

a um estímulo, não é nada mais que uma outra forma de degenerescência (*Degenerescenz*)” (GD, *Moral como contra natureza*, 2).<sup>7</sup> Nietzsche segue, aqui, a definição minimalista que Féré fornece do conceito de ‘derenerescência’, entendendo-a simplesmente como fraqueza fisiológica. O exemplo cardinal da incapacidade de não reagir fornece a ele os experimentos hipnóticos característicos da Salpêtrière: “die Unfähigkeit, nicht zu reagieren” é característica, por exemplo, de “determinados histéricos a quem basta um simples sinal para adotarem *qualquer* papel” (GD, *Incursões de um extemporâneo*, 10).

O citado aforismo 6 de *O que falta aos alemães* constrói uma analogia entre ‘o aprender a ver’ e aquilo que uma forma de falar ‘não filosófica’ chama de força de vontade. Esta última parece consistir, sobretudo, na capacidade de diferir da decisão: “É esta a *primeira* preparação para a espiritualidade: não reagir subitamente a um estímulo, mas seguir os instintos inibidores e excludentes. Aprender a *ver*, tal como eu compreendo, é muito semelhante àquilo que a linguagem não filosófica chama de vontade forte: o essencial quanto a isso é precisamente *não* ‘querer’, ser capaz de prorrogar a decisão” (GD, *O que falta aos alemães*, 6).<sup>8</sup>

Assim, a *Genealogia* já menciona algo a respeito da capacidade de não reagir: Nietzsche sustenta, de fato, que no homem forte o ressentimento aparece até mesmo com frequência. Na *Genealogia*, lemos: “mesmo o ressentimento do homem nobre, quando nele aparece, se consome e se exaure numa súbita reação, por isso não *envenena*: por outro lado, nem sequer aparece, em inúmeros casos em que é inevitável nos fracos e impotentes”

<sup>7</sup> Uma subespécie desta incapacidade é, pois, segundo *Ecce Homo*, o amor ao próximo (ou mesmo a compaixão): “Sie gilt mir an sich als Schwäche, als Einzelfall der Widerstands-Unfähigkeit gegen Reize, — das *Mitleiden* heisst nur bei décadents eine Tugend” (EH, *Por que sou tão sábio*, 4). Cf. GD, *Incursões de um extemporâneo*, 37, sobre a „physiologischen Überreizbarkeit, die Allem, was décadent ist, eignet“.

<sup>8</sup> „Das ist die *erste* Vorschulung zur Geistigkeit: auf einen Reiz *nicht* sofort reagieren, sondern die hemmenden, die abschliessenden Instinkte in die Hand bekommen. *Sehen* lernen, so wie ich es verstehe, ist beinahe Das, was die unphilosophische Sprechweise den starken Willen nennt: das Wesentliche daran ist gerade, *nicht* ‚wollen‘, die Entscheidung aussetzen *können*. Alle Ungeistigkeit, alle Gemeinheit beruht auf dem Unvermögen, einem Reize Widerstand zu leisten — man *muss* reagieren, man folgt jedem Impulse. In vielen Fällen ist ein solches Müssen bereits Krankhaftigkeit, Niedergang, Symptom der Erschöpfung, — fast Alles, was die unphilosophische Rohheit mit dem Namen „Laster“ bezeichnet, ist bloss jenes physiologische Unvermögen, *nicht* zu reagieren.“ (GD, *Was den Deutschen abgeht*, 6)

(GM I 10)<sup>9</sup>. Na *Genealogia*, a diferença específica quanto ao forte consiste, assim, (1) no fato de que nele o ressentimento não necessariamente se apresenta e ainda (2) no fato de que, mesmo que o ressentimento advenha, o forte está em condições de reagir imediata e completamente. O fraco da *Genealogia* não está em condições de reagir, já o forte nem mesmo tem essa necessidade. Sendo assim, aquilo que no fraco é inevitável, necessário, e no forte não, é, na *Genealogia*, o ressentimento, e não a reação. Portanto, na *Genealogia*, a ênfase está na necessidade de repelir instantaneamente o ressentimento: nessa capacidade reside a diferença específica em relação ao forte e, ainda, em segundo lugar, no fato de que, para ele, nem sempre há a necessidade de uma reação, uma vez que este é capaz de abster-se. Posteriormente à *Genealogia*, dá-se o contrário. No *Crepúsculo*, a reação imediata é ainda tomada com uma certa desconfiança, enquanto que a capacidade de não reagir torna-se central, ou seja, a capacidade de inibir a ação (*Handlung*)! Os equilíbrios estabelecidos na *Genealogia* entre reagir imediatamente e não reagir se encontram, assim, profundamente modificados. Repelir imediatamente o ressentimento com uma reação imediata era a receita da *Genealogia*. Na nova consideração econômica, tais comportamentos parecem contraindicados pelos motivos já elencados: a reação comporta um dispêndio excessivo de energia e leva ao esgotamento (nervoso e mais geral). Não que tais reações não pudessem ser notadas já nos tempos da *Genealogia*, mas, agora, elas assumem um peso bem maior, e até mesmo tornam-se decisivas.

No *Crepúsculo*, dessa forma, desaparece o conceito de ‘reação agente’, tão importante para Deleuze, assim como a ideia de que as próprias reações precisam agir. A capacidade das próprias reações agirem vem substituída pela capacidade de não reagir; de adiar a reação e, por isso, de não reagir imediatamente. Enquanto a reação imediata tende, agora, a ser interpretada como incapacidade de não reagir, a capacidade de ‘acertar as contas’ com o passado é posta em relação com a lentidão da reação e, assim, não com a prontidão desta última, mas com a capacidade de adiá-la, de postergá-la. O homem bem resolvido é, em *Ecce homo*, aquele que “reage lentamente aos estímulos de qualquer gênero com aquela lentidão na qual é suscitada

<sup>9</sup> „Das Ressentiment des vornehmen Menschen selbst, wenn es an ihm auftritt, vollzieht und erschöpft sich nämlich in einer sofortigen Reaktion, es vergiftet darum nicht: andererseits tritt es in unzähligen Fällen gar nicht auf, wo es bei allen Schwachen und Ohnmächtigen unvermeidlich ist.

uma cautela de longos anos e um desejado orgulho – ele conhece o estímulo que chega, e está bem longe de querer caminhar em direção a seu encontro” (EH, *Por que sou tão sábio*, 2).<sup>10</sup> Reagir dificilmente é uma característica do tipo superior/clássico, a saber – como *Ecce homo* declara logo depois – do próprio Nietzsche. O filósofo segue, aqui, Féré, segundo o qual a impassibilidade é um sinal de força.<sup>11</sup> A ideia do psiquiatra francês indicou que os sujeitos de constituição robusta têm, “si on peut dire” (aqui transparece uma consciência do caráter metafórico da consideração), “une force statique plus considérable qui leur permet de résister aussi bien à l’excitation qu’à l’épuisement et de ne présenter, sous l’influence d’un agent quelconque, que des réactions modérées” (FERÉ, 1900, p. 133).<sup>12</sup>

## Tensões explosivas

No *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche não deixa de criticar as ciências contemporâneas a partir de motivações semelhantes àquelas da *Genealogia*. No entanto, no *Crepúsculo*, uma espécie de revolução científica, tendo ao centro o conceito de ‘atividade’, não parece mais necessária; a crítica torna-se mais específica. Sem nem mesmo usar o termo ‘ativo’/‘atividade’, Nietzsche continua a discorrer sobre interpretações puramente reativas, tais como o exemplo do gênio ou do homem superior. O aforismo “Meu conceito de gênio”, por exemplo, protesta que na França a “teoria do milieu [meio], uma verdadeira teoria de neurótico, [...] encontra crédito até mesmo entre os fisiólogos” e prossegue rebatendo o primado das ‘forças errompontes’ do gênio contra uma concepção de relação com o ambiente como relação puramente reativa (GD, *Incursões de um extemporâneo*, 37).

<sup>10</sup> „Er reagirt auf alle Art Reize langsam, mit jener Langsamkeit, die eine lange Vorsicht und ein gewollter Stolz ihm angezuchtet haben, - er prüft den Reiz, der herankommt, er ist fern davon, ihm entgegenzugehen [...] er wird fertig, mit sich, mit Anderen, er weiss zu vergessen, [...]“ (EH, wwB 2).

<sup>11</sup> “L’impassibilité est un signe de force” (FERÉ, 1900, p. 133, In: WAHRIG-SCHMIDT, S.453). “Die Stärke einer Natur zeigt sich im Abwarten und Aufschieben der Reaktion: eine gewisse adiaforia (in Greco) ist ihr so zu eigen, wie der Schwäche die Unfreiheit der Gegenbewegung, die Plötzlichkeit, Unhemmbarkeit der ‚Handlung‘...” (KSA 13; 14[102]).

<sup>12</sup> Féré cita em nota a hipótese de Henle de “une certaine stimulation interne antérieurement aux excitations externes (tonicité)” (FERÉ, 1900, p. 133, Anm. 1).

Este *aforismo* do *Crepúsculo* merece uma atenção particular porque se pode observar nele uma interessante mudança de rumo quanto a um conceito fundamental na concepção antiteleológica nietzschiana, a saber, o conceito de *Auslösung*: *Auslösungen* são reações a um estímulo, mas reações nas quais o estímulo é insignificante em relação às (enormes) forças acumuladas. Tal superabundância se apresenta como uma extrema tensão que leva a uma explosão inevitável, até mesmo se o estímulo que depois a acaba recompensando seja puramente casual e desproporcionalmente pequeno em relação às forças que põe em jogo.

Apesar de Nietzsche ter refletido sobre o conceito de *Auslösung* ainda antes de sua leitura de Julius Robert Mayer, em 1881 o confronto com este último resulta decisivo. Mayer emprega o conceito de *Auslösung* (*scatenamento*) em referência a uma série de exceções aparentes, para ele de fato somente aparentes, ao princípio ‘causa aequat effectum’, nos casos em que, em seguida, um estímulo insignificante produz enormes reações, como a faísca no barril de pólvora. Em 1881, Nietzsche emprega o conceito de *Auslösung* e a ideia de uma desproporção entre estímulo e reação também no sentido desmistificante. A magnitude histórica do indivíduo, em particular aquela do ‘fundador de uma religião’, resulta, de fato, profundamente redimensionada: tais fundadores podem, por exemplo, terem sido ‘pessoas insignificantes’; “mas a força estava acumulada e pronta para a explosão!” Nessas condições, um estímulo casual e em si mesmo insignificante também conduz necessariamente a “grandes disparos de energia” (KSA 9, 11[135]). Por isso, em si mesmo o fundador de uma religião está muito longe de dever necessariamente possuir uma imensa força – seu papel é simplesmente aquele de um estímulo casual que dispara forças acumuladas, as quais, no entanto, cedo ou tarde deverão explodir. Quem o considera grande ou atribui a ele imensas forças confunde a faísca com o explosivo.<sup>1</sup>

Também no *Crepúsculo*, Nietzsche emprega o mesmo modelo a fim de interpretar fenômenos históricos. A dificuldade consiste no fato de que o modelo parece possuir as consequências indesejadas que pareceriam, dessa forma, falar a favor da teoria do *milieu* [meio]. O indivíduo, ainda no momento em que produz grandes efeitos históricos, dispara unicamente as forças latentes no seu ambiente, no seu tempo: o indivíduo, por isso, nem deve possuir forças particulares, nem subtrair-se ou resistir à influência integrante do *milieu* [meio]. As conclusões de 1881 parecem

caminhar, pois, nessa direção. Para poder argumentar contra a teoria do *milieu*, o *Crepúsculo dos ídolos* deve, assim, aplicar o modelo do ‘disparo de forças’ (*Auslösung*) diferentemente da forma com que foi empregada em 1881. Ora, isso é justamente o que tenta fazer o aforismo “Meu conceito de gênio”. Também aqui Nietzsche usa o modelo do *Auslösung* para explicar como um indivíduo pode exercer uma enorme influência histórica. Mas enquanto em 1881 pretende desmistificar uma grandeza apenas presumida, em 1888 ele deseja, ao contrário, explicar uma grandeza real: o gênio não deve ser confundido com um simples estímulo que dispara uma reação desproporcional à sua entidade. A diferença em relação às considerações de 1881 consiste, assim, numa ideia aparentemente curiosa: o gênio não se limita a disparar uma reação externa, não é somente a chama, mas também o explosivo; ele mesmo é uma dinamite. A enorme força que tem de explodir não se encontra em qualquer parte de seu ambiente ou de sua época, mas nele mesmo. A imensa tensão caracteriza, em primeiro lugar, ele: o grande deve compensar-se (*sich auflösen*); são as *suas* forças que explodem. Se uma explosão aconteceu, o responsável por isso é ele mesmo, e não a sua época ou o seu *milieu*.

*Meu conceito de gênio.* – Os grandes homens, assim como as grandes épocas, são materiais explosivos em que se acha acumulada uma tremenda força; seu pressuposto é sempre, histórica e fisiologicamente, o de que por um longo período se tenha juntado, poupado, reunido, preservado com vistas a eles – que por um longo período não tenha sido verificada nenhuma explosão. Caso a tensão do interior da massa tenha se tornado grande demais, basta o estímulo mais casual para trazer ao mundo o ‘gênio’, o ‘ato’, o grande destino. Que importa então o ambiente, a época, o ‘espírito da época’, a ‘opinião pública’! (GD, *Incurções de um extemporâneo*, 44).

*Race, milieu e moment* são os três fatores com os quais Taine pretendeu explicar cientificamente fatos e personalidades históricas. Nietzsche reinterpreta Taine, considerando os últimos dois desses três fatores determinantes – o ambiente e o ‘espírito da época’ – como fatores externos e relativizando a importância a respeito da ‘força interna’ do indivíduo genial: aquilo que o último tem de individual, particular, o tem antes de tudo porque o recebeu ‘histórica e fisiologicamente’ por hereditariedade ou, então, apropriou-se

do mesmo a partir do interior. Para Nietzsche, isso representa uma força imanente acumulada no grande (indivíduo ou época).

O aforismo nietzschiano confronta-se implicitamente com Taine, que remonta à teoria do *milieu* [meio], mas não somente com ele, e sim com outras posições apresentadas na *Psychologie des grands hommes*, de Henri Joly.<sup>13</sup> Joly contrapõe a própria teoria, que não convém expor aqui, a duas ‘théories déterministes’<sup>14</sup>: a teoria do *hereditary genius*, de Francis Galton, teoria que Nietzsche conhecia também de outras formas, e aquela teoria inspirada em Darwin, de William James, segundo a qual o gênio é selecionado pelo ambiente. William James pensa a seleção cultural analogamente à seleção natural de variações individuais e espontâneas. Segundo James, a grande individualidade representa uma variação casual cujo destino depende do ambiente: “Le milieu l’adopte ou le rejette, le préserve ou le détruit, en un mot le *sélie*.”<sup>15</sup> É assim que o meio seleciona e aceita o grande (modificando a si mesmo) ou então o refuta. Ora, no *Crepúsculo dos ídolos*, o grande, o gênio, é eminentemente mais forte que seu ambiente. A posição de James não pode, por isso, encontrar um consenso de Nietzsche. Segundo James, os grandes homens são variações causais, e a seleção como obra do meio é, ao contrário, uma lei, uma inexorável necessidade. Nietzsche inverte completamente a posição de James: o meio é casual, não o gênio.<sup>ii</sup> “Os grandes homens são necessários, a época na qual se apoiam é acidental” (ebd).<sup>16</sup>

O único ‘gênio’ explicitamente mencionado nesse aforismo é Napoleão, não obstante o filósofo de Nietzsche também ser um “tremendo explosivo, que põe tudo em perigo” (EH, *Considerações extemporâneas*, 3). Nietzsche pensa, aqui, também e sobretudo a si mesmo. E a ele também está ligado o ‘conceito de gênio’, formulado no aforismo do *Crepúsculo*: “o gênio – na obra e na ação – é necessariamente um dissipador: o

<sup>13</sup> Henri Joly: *Psychologie des grands hommes*, Paris 1883 (BN). Zu Joly als Quelle einiger Fragmente Nietzsches aus dem Herbst 1887 vgl. KSA 14, S. 741, sowie G. Campioni: *Les lectures françaises de Nietzsche*, Paris 2001, S. 32 f. Campioni macht auch darauf aufmerksam, daß Joly über James und Galton berichtet. Zu Nietzsches direkter Galton-Lektüre vgl. M.-L. Haase: *Friedrich Nietzsche liest Francis Galton. Nietzsche-Studien*, n. 18, p. 633-658, 1989.

<sup>14</sup> H. Joly: *Psychologie des grands hommes*, a. a. O., S. 105.

<sup>15</sup> H. Joly: *Psychologie des grands hommes*, a. a. O., S. 109.

<sup>16</sup> „Die grossen Menschen sind nothwendig, die Zeit, in der sie erscheinen, ist zufällig“ (ebd.).

dissipar-se é a sua grandeza...” (GD, *Incursões de um extemporâneo*, 44).<sup>iii</sup> Aquilo que o gênio dissipa são as próprias forças, é ele mesmo.

A história, assim, soa familiar: depois que se está, “‘há muito tempo, recolhido, acumulado, armazenado’ às forças naturais, chega o grande, o gênio – ‘ele é necessariamente um esbanjador’ – e tem todo o suado dinheiro para explodir. O grande homem é um fim; a grande época [...] é um fim” (GD, *Incursões de um extemporâneo*, 44). Temos, pois: armazenagem – tensão – explosão. O último Nietzsche fala – quem esperaria outra coisa – de ‘grande economia’ e descobre que ela é fundamentalmente incompreendida, mesmo pelo economista Emmanuel Herrmann, sua autoridade de referência.

Ora, é o momento de fazer as contas. Vimos, em primeiro lugar que, em relação à *Genealogia*, o *Crepúsculo* insere um novo acento sobre a capacidade ou a incapacidade de não reagir. Isso porque mostramos como o conceito de gênio do *Crepúsculo* implica a necessidade de descarregar uma tensão: a ‘explosão’ do gênio vem descrita quase como uma necessidade natural. Em ambas as considerações – a primeira relacionada às teorias de Féré, a segunda não – temos o modelo econômico do último Nietzsche: a capacidade de não reagir, de evitar a reação, permite economizar energia; já a ‘explosão’ do gênio, ao contrário, a dissipa.

Em 1881, ano em que descobre o trabalho de Mayer, no centro das preocupações de Nietzsche estão, sobretudo, as consequências negativas derivadas da impossibilidade de descarregar a tensão das forças acumuladas, a insatisfação de quando o *Auslösung* de tais forças vem inibido.

No seu modelo ‘psicomecânico’, Charles Féré (“Estudos experimentais de psico-mecânica” é o subtítulo de *Sensation et mouvement*) insiste no fato de que a descarga energética determinada por uma excessiva tensão conduz ao esgotamento das próprias forças físicas e nervosas. “[L]orsque la tension de l’énergie potentielle est devenue excessive, il se produit une décharge [...] déterminant un épuisement”. Tais problemas de ‘balanço energético’ não concernem somente aos pacientes de Féré – são muito mais gerais.

A perspectiva de Féré, profundamente impregnada de uma visão ‘econômica’, concorda muito bem com o ponto de vista econômico do último Nietzsche. Porém, sobre a economia psíquica Nietzsche

nem sempre aceita a opinião do psiquiatra francês.<sup>17</sup> Segundo Féré, os fortes, mesmo enquanto as suas reações são moderadas, apresentam o melhor ‘balanço energético’. Pelas mesmas razões, Nietzsche sublinha a importância da capacidade de ‘não reagir’. No entanto, o resultado de seu confronto crítico com Emmanuel Herrmann é outro. A ‘exagerada tensão’ dos fortes conduz também a um ‘distúrbio mental’: “iniciam-se períodos de profunda perda de tensões [...] paga-se por todas as grandes épocas...”. Essa consideração é intitulada “Por que vencem os fracos”: a razão da vitória dos fracos reside no fato de que os fortes (como o próprio Nietzsche) dissipam suas próprias forças, esbanjam a si mesmos, e conhecem, por isso, períodos de extrema fraqueza: “depois os fortes estão mais fracos, privados de vontade, absurdos de quem é fraco na média. São corridas dissipadas.” No gênio, como nos pacientes de Féré, uma excessiva tensão conduz a ‘descarregar’ e, por isso, a dissipar as próprias energias (físicas e nervosas). As causas são opostas, as consequências, análogas.

A ‘incapacidade de não reagir’, que Nietzsche (com Féré) encontra em “determinados histéricos a quem basta um simples sinal para adotarem *qualquer* papel” (GD, *Incursoes de um extemporâneo*, 10) caracteriza também o dionisiaco. A incapacidade de não reagir acaba, por isso, alinhada a um princípio patológico, mas é também profundamente ambígua na medida em que não constitui um sinal absolutamente inequívoco de fraqueza; o *Crepúsculo* insiste sobre o fato de que o dionisiaco é “explicável unicamente a partir do pressuposto de um excesso de força” (GD, *O que devo aos antigos*, 4). O dionisiaco representa, assim, o oposto da degeneração tomada no sentido de Féré, ou mesmo como fraqueza. O ‘não poder não reagir’ dionisiaco está de acordo com a ‘explosão’ do gênio: portam a mesma etiologia – um excesso de forças acumuladas. A etiologia da histeria é natural e exatamente oposta: a reação aqui é necessária dada a falta de força. Conforme notamos, é sobretudo o ouvinte wagneriano que é confrontado (e não apenas confrontado) com um histérico. (Curiosamente, e involuntariamente, surge aqui uma afinidade entre Dioniso e Wagner, apesar de ser num sentido bem diferente em relação àquela afinidade que apontava o *Nascimento da tragédia*). O wagneriano e o histérico de um lado, o dionisiaco de outro, são, por isso, caracterizados por uma incapacidade de não reagir, mas de duas

<sup>17</sup> Nem sempre, mesmo porque, por exemplo, o fragmento sobre o “Niilismo europeu” sugere conclusões diferentes. Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 373-388, jul./dez. 2010

formas diferentes: a primeira tem a sua raiz num ‘excesso de força’, a segunda absolutamente não.

Os dois casos de ‘não poder não reagir’ têm causas contrárias, mas conseqüências análogas. E, em geral, a ‘fenomenologia’ tende a aproximar-se. Nietzsche continua, sim, a sublinhar distinções e contraposições e, com efeito, a prosa animada dos seus últimos escritos o exaspera como nunca antes, apesar de se notar aí uma nova tendência a obliterar as distinções.

### Considerações finais

Iniciamos com uma pergunta: por que, após a *Genealogia da moral*, desaparece o conceito de ‘atividade’? A resposta é que Nietzsche não renuncia simplesmente ao conceito de atividade. Tal conceito não desaparece meramente. Que o conceito nos escritos posteriores à *Genealogia* não seja mais utilizado, não significa necessariamente que Nietzsche tenha renunciado a ele, nem que ele não creia mais naqueles que na *Genealogia* chama de ‘homens ativos’. Naturalmente, Nietzsche insiste agora na contraposição tipológica entre os ‘fracos’ e os ‘fortes’, e na esfera em que ela é articulada podemos distinguir duas estratégias. Antes de tudo, há uma continuidade entre plenitude e pobreza. Contemporaneamente, um novo quadro conceitual se forma e sustenta a contraposição de ‘ativo’ e ‘reativo’. No *Crepúsculo*, a diferença entre os fracos e os fortes não é formulada como diferença entre homens reativos e homens ativos – ela é formulada usando exclusivamente o conceito de reação, ou seja, recorrendo somente à diferença entre a reação e a sua essência (a abstenção pela inibição da reação). As distinções que também para o último Nietzsche permanecem essenciais encontram-se, agora, reformuladas em diversos termos, de diferentes formas de reações (forçadas ou não) e pela inibição da reação (possível ou não). É verdade que, numa linguagem fisiológica, nada porta a clareza da distinção entre ativo e reativo. Porém, na consideração econômica o conceito de ‘forças ativas’ é, agora, supérfluo: a economia quantitativa do dispêndio de forças, a questão do balanço energético (o excesso e a carência de forças), substituíram, então, a ‘mecânica qualitativa’ de ativo e reativo.

**Referências**

DELEUZE, G. **Nietzsche et la philosophie**. Paris: Quadrige; PUF, 2003.

FERÉ, C. **Sensation et mouvement**. Paris: Études Expérimentales de Psycho-Mécanique, 1900.

HASSE, M.-L. Friedrich Nietzsche liest Francis Galton. **Nietzsche-Studien**, n. 18, p. 633-658, 1989.

JOLY, H. **Psychologie des grands hommes**. Paris: Hachette, 1883.

NIETZSCHE, F. **Sämtliche Werke**: Kritische Studienausgabe in 15 Bänden. (KSA) Hrsg. Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: DTV & Walter de Gruyter, 1980.

Recebido: 05/11/2011

*Received:* 11/05/2011

Aprovado: 25/05/2011

*Approved:* 05/25/2011

- 
- i [In der gedruckten Fassung in den Text!!:] Nietzsche macht die (boshafte und ungerechte) Nutzenanwendung auf Mayer selbst. Dessen „Entdeckung“ sei wie „vorbereitet“ gewesen, und sein „Talent“ sei „zufällig“ gerade an jenem Punkte „thätig“ geworden; dass er „zu ungemainen Resultaten“ gekommen sei, sei also „noch kein Beweis für ungemaine Kraft“ (KSA 11; 11[136]).
- ii [[Superfluo?: In GD geht es um auch ein weiteres Missverständnis: Der Grosse muss seine Kraft einfach entladen, und dies wird missverstanden (wie in MA: altruistische Gefühle).]
- iii [[Stichwortsuche: ‚kostspielig?]].